

REDES SOCIAIS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA ENTRE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE PERNAMBUCO¹

Francielle dos Anjos²
Allan Monteiro³
Ivo Pereira Neto⁴

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada entre agosto de 2018 e julho de 2019 acerca da ocupação de escolas públicas por parte dos estudantes, em 2016, no contexto pernambucano. A pesquisa se insere na discussão teórica acerca das ocupações escolares como forma de participação política na juventude e acerca da relação entre os novos meios de comunicação e os novos movimentos sociais. Os resultados obtidos evidenciaram que as páginas no Facebook se constituíram uma via importante de comunicação para alguns manifestantes entre si, e entre eles e a sociedade, contribuindo para a formação da coletividade, especialmente entre estudantes recifenses. No entanto, observou-se que a proporção de escolas ocupadas em relação ao total de escolas por município foi maior em São Lourenço da Mata, onde não ocorreu a utilização de páginas no Facebook.

Palavras-chave: Facebook, juventude, participação política, ocupações escolares.

INTRODUÇÃO

A partir do ano de 2010 se iniciou, em várias cidades do mundo, uma onda de mobilizações populares que, embora em contextos muito distintos, possuem algumas características em comum: uma multiplicidade de demandas, as estratégias de mobilização e organização, a fluidez no engajamento dos indivíduos e a horizontalidade nas decisões e ações. No Brasil, a questão da participação política passou a ganhar novos contornos desde as “marchas de junho de 2013”.

A plataforma do Facebook ficou conhecida como um dos principais meios de divulgação de notícias e de articulação dos manifestantes, tanto em 2013, quanto em 2015, quando os estudantes secundaristas de São Paulo passaram a ocupar escolas como forma de protesto contra mudanças que seriam implementadas no cenário das escolas públicas do estado, as quais julgaram prejudiciais e autoritárias.

¹ Artigo resultante de uma pesquisa de iniciação científica vinculada à FUNDAJ e beneficiada por bolsa do CNPQ.

² Graduanda em Ciências Sociais, UFRPE/Bolsista Pibic/Fundaj/CNPq, Recife/PE, francyelledosanjos@gmail.com;

³ Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife/PE, allan.fundaj@gmail.com;

⁴ Graduando em Ciências Sociais, UFRPE/Bolsista Pibic/Fundaj/CNPq, Recife/PE, ivopereiraneto8@gmail.com;

Diante disso, o presente trabalho busca contribuir para o debate acerca do aspecto virtual dos chamados “novos movimentos sociais”, reconhecendo a necessidade de compreensão dos limites e potencialidades destes novos modos de engajamentos e suas estratégias de articulação e disseminação.

Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo é discutir a utilização das redes sociais no processo de participação política de jovens pernambucanos a partir da experiência de ocupações escolares em 2016. Os objetivos específicos são: apresentar a relação teórica entre juventudes e a construção de novas formas de participação política; debater a importância dos novos meios de comunicação na formação da coletividade no mundo contemporâneo; e analisar esses processos no contexto das ocupações de escolas pernambucanas em 2016.

Esta investigação se dá a partir de uma análise de dados coletados das páginas referentes às ocupações das escolas públicas de Pernambuco, na plataforma do Facebook, bem como uma interpretação de dados secundários complementares.

Os resultados mostraram que as páginas no Facebook se constituíram uma via importante de comunicação para alguns manifestantes entre si, e entre eles e a sociedade, contribuindo para a formação da coletividade, especialmente entre os estudantes da capital pernambucana. Porém não foi possível perceber se teve algum papel na articulação dos jovens no município de São Lourenço da Mata, por exemplo.

As principais conclusões deste estudo foram de que embora as redes sociais não sejam um aspecto necessário ao engajamento político, elas apresentam um grande potencial para o desenvolvimento de características dos novos movimentos sociais.

METODOLOGIA

O método de investigação aplicado na presente pesquisa é a análise de páginas relacionadas às ocupações escolares de 2016, na plataforma do Facebook. O critério definido para a seleção destas páginas foi a vinculação direta das mesmas ao movimento em uma das escolas do estado de Pernambuco.

Vale ressaltar que, no total, foram contabilizadas 22 escolas ocupadas no âmbito estadual, com base na lista divulgada pela página “Professorxs pelas Ocupações Estudantis - Pernambuco”. Porém, nem todas recorreram à utilização de uma página online para o movimento. Foram encontradas, portanto, 10 páginas de ocupações, com o auxílio da própria

aba de pesquisas do Facebook e os links fornecidos por uma postagem no “Blog do Prof. Jamerson Silva”⁵.

O método aplicado para a coleta dos dados foi um exame detalhado de todas essas páginas, no que diz respeito à suas datas de criação, mudanças de nome, as fotos de perfil e de capa; o alcance e a aprovação destas páginas entre usuários do Facebook; além do conteúdo das páginas propriamente dito, sua auto-definição e as postagens mais relevantes.

Os indicadores definidos para nortear a seleção e a análise destes dados foram:

1. A correspondência entre a data de criação da página e a data de início da ocupação do prédio;
2. A presença ou não de alterações no título e na proposta das páginas ao longo de sua trajetória;
3. A quantidade de seguidores em comparação com o número de pessoas diretamente vinculadas à escola (os alunos e os funcionários);
4. A presença ou não de opiniões de pessoas externas à ocupação;
5. A presença ou não de opiniões contrárias à ocupação;
6. A auto-definição do movimento;
7. As temáticas centrais das publicações;
8. O nível de atividade da página após a desocupação dos prédios.

Utilizamos ainda os dados do Censo Escolar de 2016, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), consultados no QEdU (plataforma online da Fundação Lemann, que disponibiliza dados sobre a educação brasileira), para analisarmos características específicas de cada escola correspondente às páginas analisadas.

DESENVOLVIMENTO

Os chamados “novos movimentos sociais” são novas formas de mobilizações coletivas ocorridas recentemente no mundo inteiro, compreendidas por alguns autores como portadoras de algumas características que tanto as diferenciam das antigas formas de mobilização social como as aproximam umas das outras, mesmo ocorrendo em contextos muito distintos. Estes movimentos convergem especialmente no que diz respeito à multiplicidade de demandas, as estratégias de mobilização e organização, a fluidez no engajamento dos indivíduos e a horizontalidade nas decisões e ações.

⁵ <https://blogdejamerson.blogspot.com/p/ensino-medio.html>

Dentre as várias abordagens de compreensão deste fenômeno destacam-se duas linhas de interpretação às quais este artigo se refere e que são complementares entre si. De um lado, temos a relação entre essas novas formas de participação política e as juventudes contemporâneas. De outro lado, existe a abordagem que relaciona os novos engajamentos às transformações tecnológicas dos meios de comunicação.

I. As juventudes e as novas formas de participação política

Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay (2009) buscam refutar, em seu livro “Quebrando Mitos: Juventude, Participação e Políticas”, uma tendência corrente no senso comum em classificar a juventude como politicamente apática, que remete a comparações entre os jovens da atualidade e os jovens dos anos 60 e 70. As autoras argumentam que, mediante pesquisa realizada em 2008 com os jovens participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, foi verificado que a maioria destes militava em algum movimento social, organização social e/ou partido político, embora apresentassem críticas à política partidária.

O relatório final de outra pesquisa, publicada pela Ibase e Pólis (2005), cujo título é “Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas”, aborda de modo semelhante a relação entre juventudes e política. Essa pesquisa evidenciou a aversão da maioria dos indivíduos entre 15 e 24 anos pela política tradicional nas Regiões Metropolitanas de Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, além do Distrito Federal. Após discussões e reflexões possibilitadas por Grupos de Diálogo, a maioria dos participantes acabou preferindo a construção de novos caminhos participativos, unindo o que consideravam os melhores aspectos das diferentes alternativas apresentadas a eles na pesquisa.

O tema juventude tem sido objeto de interesse para muitos autores devido às mudanças de compreensão desse conceito ao longo do tempo e a necessidade de criação de novas formas de lidar com as demandas desse segmento. A própria utilização do termo vem sendo substituída, por muitos autores, pela palavra “juventudes” (MESQUITA, 2015; BURGOS, 2015; LIMA FILHO, 2015; CASTAÑEDA, 2015), para expressar a diversidade da experiência de ser jovem.

Até o final dos anos 80, as políticas públicas para juventudes no Brasil se baseavam na ideia de que esta fase se constituía a passagem para a vida adulta. (NOVAES, 2015). Atualmente são vários os conceitos utilizados para definir juventude, porém as perspectivas que geralmente convergem em compreender as recentes mobilizações juvenis como

alternativas de participação política, são aquelas que consideram as variadas experiências de juventude como potenciais de negação dos padrões pré-estabelecidos, num processo contínuo de renovação das formas de ver o mundo e de se relacionar entre si e com as instituições sociais (MESQUITA, 2015; BURGOS, 2015; CASTAÑEDA, 2015).

Sposito e Tarábola (2016), em uma pesquisa mais recente do que aquela realizada por Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay, analisaram a participação de jovens universitários da cidade de São Paulo em movimentos estudantis e observaram que as formas como estes se associam em coletivos se tornou mais individualizada e autônoma. Isto não significa, segundo os autores, um desvio da dimensão política, mas justamente uma construção de maneiras mais horizontais de agir politicamente.

Os autores também argumentam que esses novos modelos não entram necessariamente em conflito com as formas tradicionais de participação política, podendo ser observada uma multiplicidade de engajamentos juvenis (SPOSITO; TARÁBOLA, 2016).

II. Os ciberespaços como ferramentas de educação e articulação política

Ao analisar as novas formas de mobilização popular em várias partes do mundo, Castells (2013) atribui ao advento da Internet uma importância, em certa medida, fundamental. O autor argumenta que, embora a constituição dos movimentos sociais seja um processo de transformação de emoções individuais em ação coletiva, os meios de comunicação são uma ferramenta crucial nesse processo.

Em 1996, o autor já previa que o uso da Internet em larga escala, com a integração de texto, imagens e sons no mesmo sistema, mudaria de maneira fundamental o caráter da comunicação e, conseqüentemente, traria importantes transformações em nossos sistemas de crenças e códigos (CASTELLS, 2000).

Acerca das mobilizações recentes no mundo inteiro, o autor afirma:

[...] é essencial enfatizar o papel basilar da comunicação na formação e na prática dos movimentos sociais, agora e ao longo da história. Porque as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo. [...] Em nossa sociedade, a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na Internet e nas redes sem fio. Além disso, é por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano (CASTELLS, 2013, p. 134).

Quando se refere às “marchas de junho de 2013” no Brasil, Castells afirma que foi surgindo a consciência de pessoas individuais que eram, ao mesmo tempo, um coletivo, “[...]”

pois estavam - e estão - sempre conectadas, conectadas em rede e enredadas na rua, mão na mão, tuítes a tuítes, post a post, imagem a imagem” (CASTELLS, 2013, p. 145).

Numa perspectiva semelhante, Sakamoto (2013) defende que as tecnologias de comunicação são ferramentas de construção, por meio das quais os indivíduos aos poucos transformam o modo de fazer política e as formas de participação social.

Marcello Baquero, Rute Vivian Angelo Baquero e Jennifer Azambuja de Moraes (2016) afirmam que essa relação entre o uso da internet e a participação política dos jovens tem sido analisada de maneira otimista sob diferentes perspectivas. Segundo eles, alguns estudos buscam compreender as interações digitais como fonte de dados acerca dos indicadores de participação e engajamento político, enquanto outros problematizam a relação entre essa interação e a socialização política e um terceiro ramo de estudos focaliza a formação de identidades coletivas e sua relação com a Internet. O pressuposto comum é o de que tal envolvimento digital tem contribuído “para a construção de um novo senso de cidadania e uma cultura política juvenil mais participativa” (BAQUERO; BAQUERO; MORAIS, 2016, p. 992).

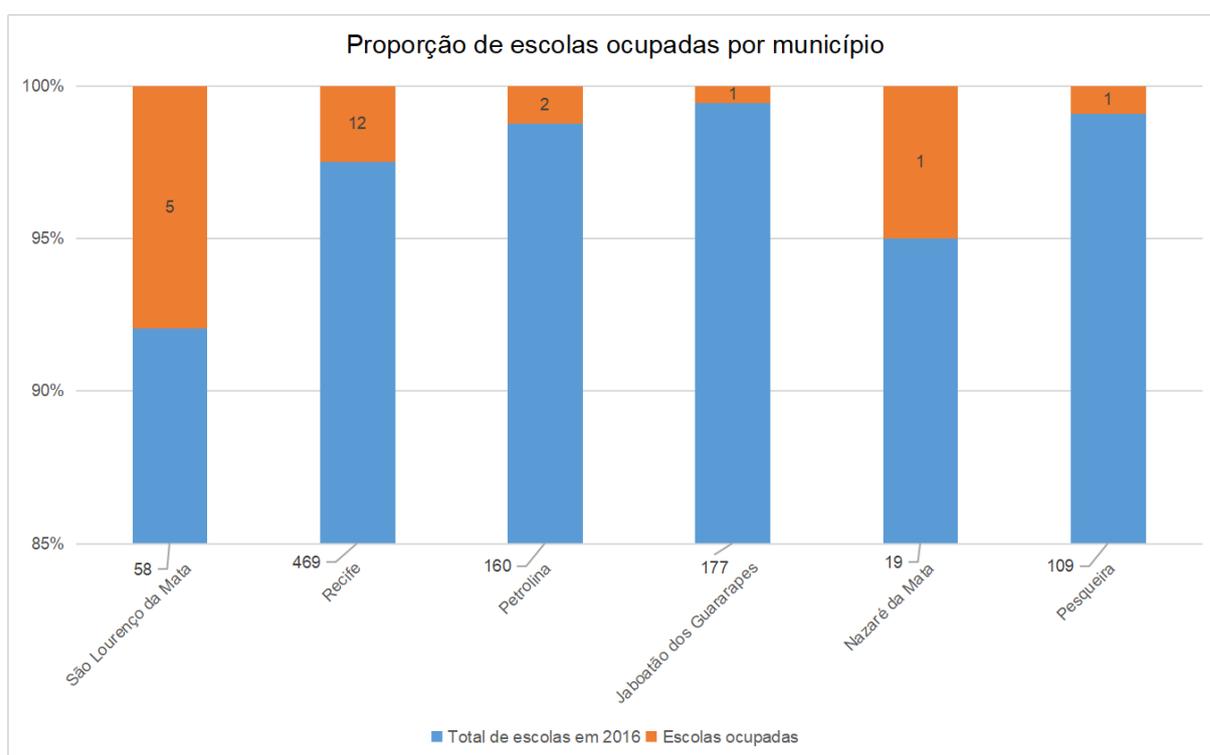
Segundo Glória Diógenes (2015), embora muitos dos estudos sobre juventudes focalizem contextos culturais nítidos em territórios delimitados, os espaços criados pelas redes juvenis na Internet seguem uma lógica de espaço e tempo não-lineares, que acabam favorecendo uma ampliação das potencialidades do eu, uma vez que esse passa a se reconhecer em muitos outros perfis. Sendo assim, as mudanças que o uso das redes sociais da Internet geram nas formas de comunicação e no reconhecimento mútuo das novas gerações tornam-se um elemento importante na compreensão das novas formas de participação política.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados centrais desta pesquisa foram coletados das páginas utilizadas pelos estudantes secundaristas da rede pública do estado de Pernambuco no Facebook, durante as ocupações de 2016. Vale ressaltar que os municípios pernambucanos em que houveram escolas ocupadas foram: Recife, com 12 escolas ocupadas; São Lourenço da Mata, com 5 escolas ocupadas; Petrolina, com 2 escolas ocupadas; Jaboatão dos Guararapes, Nazaré da Mata e Pesqueira, com 1 escola ocupada, cada.

Por meio de consulta aos dados do Censo Escolar/ INEP 2016, disponíveis no QEd⁶, é possível verificar o número total de escolas públicas em cada município, para aquele ano. Comparando a proporção entre o total de escolas e o número de escolas ocupadas, em cada município, é possível perceber que São Lourenço da Mata teve um percentual de ocupações de 8,62%, enquanto Recife teve apenas 2,56% de suas escolas ocupadas, como é possível visualizar no gráfico a seguir.

Gráfico 1



Fonte dos dados: QEd⁶ (qedu.org.br), Censo Escolar / INEP 2016

Embora a maioria das escolas ocupadas de fato estivessem situadas em Recife, que é a capital do estado, as 5 ocupações em São Lourenço da Mata se constituem um percentual mais expressivo diante das 58 instituições escolares deste município. Este pode ser um indicativo de forte engajamento político entre os jovens que nele residem e um dado interessante a ser abordado em pesquisas futuras.

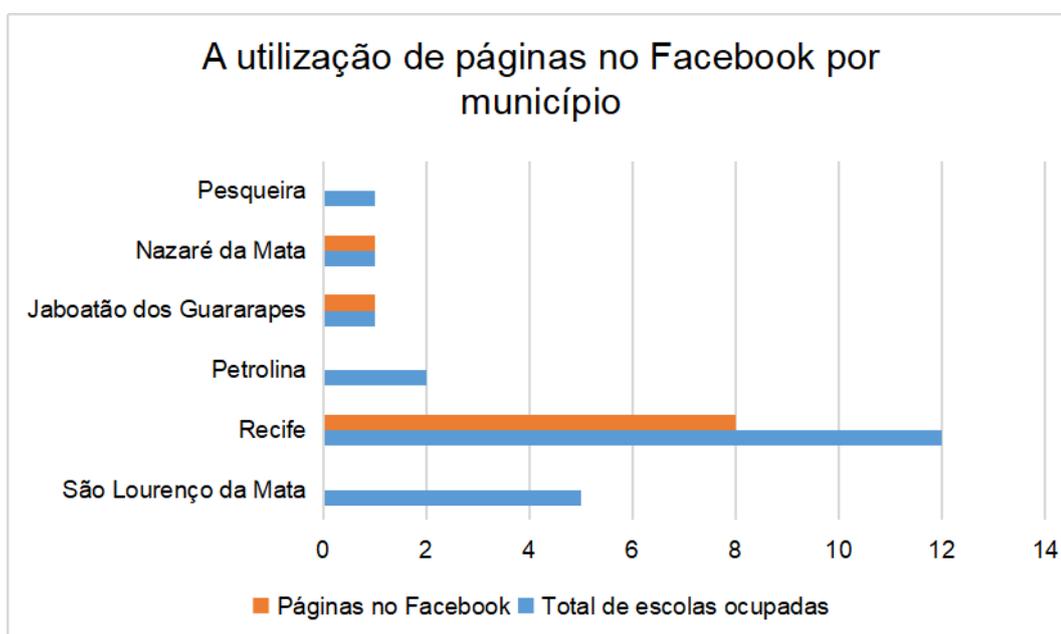
Em Nazaré da Mata a única escola ocupada foi o Colégio de Aplicação da UPE, que é muito diferente do padrão das escolas públicas do estado. O percentual de ocupações mais alto que os de Jaboatão dos Guararapes e Pesqueira se deve ao fato de o número de escolas

⁶ QEd⁶.org.br

em Nazaré da Mata ser significativamente menor, mas em cada um desses 3 municípios, apenas 1 escola foi ocupada. Nestes casos, a proporção não nos ajuda muito a entender a aderência ao movimento e, por isso, não a levamos em conta para efeito de comparação.

Ao contabilizarmos a utilização ou não de páginas no Facebook, foi observado que 8 das 12 escolas ocupadas em Recife criaram ou utilizaram páginas para o movimento. Por outro lado, nenhuma das escolas ocupadas em São Lourenço da Mata e em Petrolina criou ou utilizou este recurso, o que coloca em dúvida a hipótese de que essa seja uma característica importante do movimento como um todo.

Gráfico 2



Fonte dos dados: QEdU (qedu.org.br), Censo Escolar / INEP 2016

A página no Facebook foi, no entanto, um ponto em comum entre 10 das 22 ocupações escolares de Pernambuco e as que permanecem ativas permitem que a memória do movimento seja acessada facilmente tanto pelos alunos que delas participaram, como por aqueles que vivenciam hoje os seus impactos em suas respectivas comunidades escolares. Fica preservada, assim, a importância de levá-las em consideração nos estudos acerca das ocupações.

I. Os aspectos gerais das páginas: um espaço virtual para a ocupação ou uma ocupação do espaço virtual?

É interessante destacar que algumas destas páginas foram criadas antes de suas respectivas escolas serem ocupadas, ou mesmo antes de serem iniciadas as ocupações de instituições de ensino, como um todo, em Pernambuco. Esse é o caso da “OCUPA Cândido Duarte”, que foi criada em outubro de 2015, mais de 1 ano antes da ocupação da escola, quando se chamava “Grêmio Estudantil EREM Professor Cândido Duarte”. Ela se tornou “OCUPA Cândido Duarte” em 03/11/2016, embora a ocupação da escola só tenha sido consumada alguns dias depois, em 07/11/2016.

No total, 5 das 10 páginas analisadas tiveram sua data de criação em ao menos alguns dias antes da ocupação efetiva dos respectivos prédios. Desse modo, não foi a ocupação, uma vez concretizada, que deu origem às páginas nestes casos. Algumas delas são uma característica anterior do movimento estudantil em suas respectivas escolas. Algumas foram criadas em prol da ocupação, mas antes delas, como um apelo à comunidade escolar e demais usuários do Facebook, para que apoiassem a ideia e ela viesse a se realizar.

[...] Acreditamos que a juventude tem força e opinião diante do atual cenário político e econômico brasileiro. Por esse motivo, decidimos montar resistência dentro das escolas com a ajuda da comunidade, preservando a luta estudantil, o esclarecimento político e, inclusive, o diálogo.

Nesse viés, convidamos não só estudantes para a discussão das contraditórias medidas tomadas pelo atual governo, como também todos os pais, responsáveis e amigos da comunidade que se mostrarem abertos à temática e à ajuda da continuação da nossa ação. (OCUPA Epitecio, em 28/10/2016)

Essa ordem dos fatos nos faz pensar na defesa de Castells (2013), de que a transformação dos meios de comunicação geram mudanças na atuação dos movimentos sociais. Para o autor, que prioriza o papel da comunicação no processo de engajamento político, é necessário que os indivíduos se conectem e compartilhem suas experiências e emoções para que se forme uma rede de solidariedade e a mobilização coletiva venha a acontecer. No caso das ocupações, podemos perceber que esse processo de formação de conexões foi, no mínimo, facilitado pelas redes sociais, com alguns indivíduos se utilizando delas para convocar os demais a agir no mundo real.

Outro aspecto importante é a permanência destas páginas, mesmo após a desocupação dos prédios. Apenas 1 delas teve sua imagem de perfil alterada desde então, devido ter se tornado a página do grêmio estudantil da escola. É unanimidade, contudo, a manutenção das postagens referentes às ocupações e, portanto, a própria memória do movimento, sempre referido como uma conquista e como uma boa lembrança.

II. O alcance e a aprovação no Facebook: um público para além dos muros da escola

A fim de obtermos uma noção do alcance dessas páginas para além da comunidade escolar propriamente dita, foi feita uma comparação entre o número de seguidores das mesmas e o total de alunos e funcionários de cada instituição, com base nos dados do Censo Escolar de 2016.

Em 4 dessas páginas, o número de seguidores é superior ao número total de indivíduos diretamente vinculados às escolas durante as ocupações. São elas, a “OCUPA Cândido Duarte”, a “OCUPA GP - Aurora”, a “OCUPA PORTO Digital” e a “Ocupe Nilo Pereira”. Nesses casos, pelo menos 35% dos seguidores não estão entre os alunos e funcionários de suas respectivas escolas em 2016, como é possível perceber, na tabela a seguir.

Nome da Escola:	Nome da página:	Avaliações:	Curtidas/seguidores:	Matrículas em 2016:	Profissionais em 2016:	Total de pessoas na escola:	Proporção comunidade escolar/seguidores:
EREM Professor Epitácio André Dias	“OCUPA Epitacio”	NE	286 / 285	361	43	404	141,75%
EREM Cândido Duarte	“OCUPA Cândido Duarte”	5 de 5 50 pessoas avaliaram	1710 / 1715	302	34	336	19,59%
EREM Martins Júnior	“OCUPE Martins Júnior”	NE	388 / 390	439	49	488	125,13%
EREM Ginásio Pernambucano	“OCUPA GP - Aurora”	NE	1343 / 1350	702	55	757	56,07%
EREM Porto Digital	“OCUPA PORTO Digital”	4,3 de 5 33 pessoas avaliaram	865 / 872	359	31	390	44,72%
EREM Silva Jardim	“Ocupa Silva Jardim”	NE	299 / 298	373	27	400	134,23%
ETE Lúccillo Ávila Pessoa	“Ocupa Eteplap”	NE	373 / 374	483	46	529	141,44%
Escola Municipal Professor Nilo Pereira	“Ocupe Nilo Pereira”	NE	770 / 776	418	77	495	63,79%
Escola Governador Barbosa Lima	“Grêmio Estudantil Chico Science”	4,7 de 5 47 pessoas avaliaram	1032 / 1035	1605	138	1743	168,40%
Colégio de Aplicação Professor Chaves/ UPE	“Aplicação Ocupa”	NE	388 / 388	596	38	634	163,40%

Ainda é possível perceber, nesta tabela, que 3 dessas páginas possuem avaliações. Esse sistema de avaliação é feito automaticamente pelo Facebook, com base nas recomendações dos usuários e segue uma escala de nota máxima 5, sendo que estas 3 páginas possuem notas entre 4 e 5.

Muitas das opiniões que constam nesta aba das avaliações estão escritas em terceira pessoa, aparentando terem sido publicadas por pessoas externas à ocupação. Esse também é um indicativo de que o conteúdo destas páginas atingiu não somente o interesse da comunidade escolar, mas se tornou, em certa medida, um assunto de utilidade pública.

Alunos engajados p uma causa que é de todos...mto orgulho dessa juventude que vai a luta e procura seus direitos!! (usuária do Facebook, sobre a OCUPA Cândido Duarte, em 14/11/2016).

Parabéns aos alunos do Barbosa Lima pela luta por um país melhor e por uma educação de qualidade. Sou professora e apoio as ocupações. As palavras de ordem são: Ocupar e resistir!!! (usuária do Facebook, sobre a Grêmio Estudantil Chico Science, em 26/11/2016).

Essa extrapolação dos limites físicos e temporais da ocupação se relaciona com o que Glória Diógenes (2015) afirma acerca dos espaços criados pelas redes juvenis na Internet. Uma vez que o espaço e o tempo se tornam não-lineares, as perspectivas acerca das potencialidades de cada indivíduo e do grupo se transformam. O apoio vindo de fora tanto corresponde a um reconhecimento de legitimidade por parte de outros indivíduos, como a uma identificação com a causa. Essa relação permite o fortalecimento daqueles que estão no interior do conflito e encoraja o engajamento daqueles que estão de fora.

III. Publicizando o movimento, entre postagens e auto-definições

Na aba Sobre, que seria destinada à auto-definição das páginas, o texto é curto ou mesmo inexistente, em alguns casos. A única exceção é a “OCUPA Epitacio”, que colocou neste espaço o mesmo texto publicado na data de sua criação, explicando detalhadamente a proposta da página.

Não é verdade, no entanto, que estas páginas deixam de auto-definir-se, apenas fizeram isso de maneira mais dispersa, ao longo das publicações. Os momentos em que são apresentadas explicações mais consistentes acerca do movimento são as postagens referentes ao início e ao término das ocupações. Algumas destas foram fixadas na Página inicial, facilitando sua visualização.

[...] Às 07h 00, no dia 08 de Novembro de 2016, ocupamos a escola de forma pacífica como forma de protesto contra a PEC 241 (55) e a reforma do ensino médio. No período da ocupação, estão sendo realizados palestras, cine debates, aulas públicas, atividades culturais e multirões de limpeza e revitalização do espaço escolar. [...] Nós, como alunos secundarista, queremos deixar claro que o nosso movimento é horizontal e totalmente autônomo; acabando assim com os vários rumores de supostas lideranças que não existe e que para nós, não faz o menor sentido.

O OCUPE E.M.J está estabilizado e dentro do cotidiano da ocupação estamos trabalhando e lutando para agora sim, mostrar a nossa visão do que é a nossa escola. Não iremos permitir falsos rumores e que nos criminalizem por lutar por aquilo que é nosso, a educação [...].

(OCUPE Martins Júnior, NOTA OFICIAL DO OCUPE E.M.J, 11/11/2016. Publicação fixada)

Estes esclarecimentos cumprem uma função importante na relação das ocupações com a sociedade como um todo, tornando públicas as suas pautas, suas propostas e os conflitos travados por elas.

Nessa mesma direção, estão as imagens e vídeos publicados durante a permanência nos prédios escolares. Estes são colocados como uma prestação de contas acerca dos serviços prestados pelos estudantes à comunidade escolar. Eles mostram que estão preservando e consertando móveis e equipamentos, mantendo a organização e a limpeza, formando parcerias para a manutenção de atividades educativas no sentido amplo, mostrando que o movimento não tinha a pretensão de destruir ou paralisar as escolas, mas de lutar por suas melhorias.

O que perpassa essas publicações são os ideais de uma ampliação do conceito de educação, uma expansão do papel da escola na sociedade e uma participação efetiva da comunidade na construção e significação destes espaços.

Outro tipo de publicação muito frequente durante as ocupações foram as programações das atividades, os convites à comunidade para participar do movimento, bem como as convocações dos alunos para as assembléias. Por meio destas postagens, a imagem transmitida é a de organização e abertura, mostrando que os estudantes tinham a situação sob controle e que não tinham nada a esconder. Além disso, essas publicações atendiam às funções práticas de comunicar as datas dos eventos rapidamente a todos os envolvidos e de angariar cada vez mais o apoio das pessoas, criar novos vínculos, estabelecer novas redes.

No período que se segue às desocupações dos prédios escolares, algumas páginas pararam totalmente de publicar conteúdos, como é o caso da “Ocupa Silva Jardim”, cuja última postagem é de 14/12/2016, comunicando a liberação do prédio. Outras delas continuaram a ser alimentadas por compartilhamentos de notícias relacionadas ao cenário político do país e de convocações para outras mobilizações coletivas, embora, de maneira geral, o nível de atividade destas páginas tenha diminuído consideravelmente.

As publicações mais recentes de algumas são de dezembro de 2018. Uma delas publicou pela última vez em maio desse ano e apenas 1 possui postagens do atual mês de agosto.

Por outro lado, é importante destacar que algumas dessas páginas continuaram sendo utilizadas pelos manifestantes ao longo do ano de 2017, para denunciar à população o não cumprimento, por parte da gestão escolar, dos acordos estabelecidos a partir da ocupação.

[...] depois dos acordos alcançados (que não foram cumpridos), é revoltante não ser recebida, ou simplesmente ouvir: "você não tem mais nada aqui". Por fim, devo dizer o porque desse texto, se acham que ficaremos calados, que o vínculo com a instituição já passou só porque o ensino médio acabou, ou que mais uma vez escolherão os "MELHORES" alunos para um conselho escolar que é feito por baixo dos panos, sinto dizer, mas estão muito enganados.

LUTEI PELOS MEUS DIREITOS ENQUANTO ALUNA E CONTINUAREI LUTANDO PELO DIREITO DO COMPANHEIRO QUE CONTINUA ESTUDANDO!

(OCUPA GP - Aurora, trecho de um texto escrito por uma ex-aluna e ocupante do EREM Ginásio Pernambucano, 13/05/2017)

Outra publicação comum pós ocupações é o compartilhamento de eventos nos quais foi exibido o documentário "Bora Ocupar", que conta a história das ocupações das escolas pernambucanas em 2016, sob o ponto de vista dos jovens diretamente envolvidos no movimento.

Sendo assim, a ocupação não acabou, de fato, com a reintegração de posse dos prédios por parte do governo. Por meio destas páginas foi possível manter, ainda por um certo tempo, uma linha de comunicação acerca de problemas políticos no geral e de problemas da escola, especificamente. Embora atualmente elas não sejam utilizadas com frequência, o fato de permanecerem existindo faz delas uma espécie de conteúdo latente, que pode ser acionado novamente, se necessário.

Esse estado de inatividade atual, no entanto, confirma o fato de que uma das características dessas novas formas de mobilização é a efemeridade, como haviam apontado Sposito e Tarábola em 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais conclusões deste estudo foram de que entre os grupos de jovens engajados nas ocupações escolares de 2016, o Facebook foi uma ferramenta importante na formação da coletividade, especialmente entre os estudantes da capital pernambucana. Por

outro lado, vimos que o município de São Lourenço da Mata teve um número mais expressivo de escolas ocupadas e nenhuma delas serviu-se de uma página no Facebook para tal.

No entanto, isso não significa terminantemente que o Facebook e as demais redes sociais não foram utilizadas pelos estudantes deste município no processo de mobilizações. Seria necessário um estudo aprofundado acerca das ocupações ali realizadas para esclarecer se, de fato, as redes sociais não desempenharam nenhum papel.

O Facebook facilitou as conexões entre os indivíduos e o compartilhamento das experiências e emoções, favorecendo assim a construção de uma rede de solidariedade e a deflagração da ação coletiva, ao mesmo tempo que se constituiu um espaço a ser também ocupado pelas reivindicações, simbologias e significados do movimento.

Também foi possível reconhecer uma extrapolação dos limites físicos e cronológicos do movimento por meio destas páginas, possibilitando o reconhecimento e a identificação entre aqueles que estavam dentro dos limites espaço-temporais das ocupações e aqueles que estavam e estão externos a elas. Além disso, o estudo mostrou que existe potencial nas redes sociais para a criação de espaços de debate político mais democráticos, uma vez que foi possível àqueles que discordavam das ocupações se expressarem publicamente, bem como foi possível ao movimento se delinear enquanto assunto de interesse público, divulgando suas pautas, suas propostas e os conflitos travados por eles.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Marcello; BAQUERO, Rute Vivian Angelo; MORAIS, Jennifer Azambuja de. **Socialização política e internet na construção de uma cultura política juvenil no sul do Brasil**. Educ. Soc., Campinas, v. 37, n. 137, p. 989-1008, Dec. 2016. Acesso em: 31 jan. 2018.

BURGOS, Marcelo Baumann. **Direito à juventude: fronteira da democracia no Brasil**. Revista Coletiva, n. 17, set/out/nov/dez 2015. Acesso em: 31 jan. 2018

CASTAÑEDA, Marcelo. **Socialidades da juventude entre as tecnologias da internet: um olhar a partir do midiativismo**. Revista Coletiva, n. 17, set/out/nov/dez 2015. Acesso em: 31 jan. 2018

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. V. 1, 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas**. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

DIÓGENES, Glória. **Expressões e práticas juvenis**: entre cidades materiais e ambientes digitais. Revista Coletiva, n. 17, set/out/nov/dez 2015. Acesso em: 31 jan. 2018.

IBASE/POLIS. **Juventude brasileira e democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Relatório de Pesquisa, 2005.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. **A juventude como estética**. Revista Coletiva, n. 17, set/out/nov/dez 2015. Acesso em: 31 jan. 2018

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. **Juventude e religião**: notas a partir dos sentidos de pertencimentos e experiências religiosas. Revista Coletiva, n. 17, set/out/nov/dez 2015. Acesso em: 31 jan. 2018

NOVAES, Regina. **Políticas públicas de juventude**: entraves, balanços e perspectivas. Revista Coletiva, n. 17, set/out/nov/dez 2015. Acesso em: 31 jan. 2018

SAKAMOTO, Leonardo. **Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas**. In: Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

SPOSITO, Marília Pontes; TARABOLA, Felipe de Souza. **Experiência Universitária e Afiliação**: Multiplicidade, Tensões e Desafios da Participação Política dos Estudantes. Educ. Soc., Campinas, v. 37, n. 137, p. 1009-1028, Dec. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302016000401009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 mar. 2018.